

Escola pública de 1º grau não passa

JORNAL DO BRASIL

em teste de qualidade

Os 2 mil alunos do Colégio Estadual Rui Barbosa, em Jacarezinho, região norte do Paraná, escaparam de uma tragédia, no final do ano letivo de 1985: durante a noite, o prédio de dois andares desabou, transformando em ruínas dezenas de salas ocupadas, horas antes, por professores e alunos. A quase tragédia ilustra o precário estado das escolas públicas de 1º grau espalhadas pelo país, que atravessa paredes sem reboco e estruturas frágeis, para chegar a salas de aula sem carteiras, mesas para os professores e, até mesmo, um simples giz ou quadro-negro.

Apenas 27% das 172 mil escolas públicas de 1º grau do Brasil estão em bom estado de conservação, enquanto 40% das escolas do Nordeste rural precisam de grandes reformas e nenhuma das escolas do Norte, pesquisadas em novembro passado pelo Instituto de Planejamento Econômico e Social (IPEA) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pôde ser considerada "bem conservada". A pesquisa, organizada por Cláudio de Moura Castro e Philip Fletcher, mostrou que dentro das salas de aula o quadro também é negro.

Uma em cada quatro escolas visitadas pelos pesquisadores — foram 600 em todo o país — não dispunha de mesa para o professor; em cada 20, uma não tinha bancos para os alunos e das que tinham, um terço deles estava em mau estado; em cada 25 escolas, uma não tem sequer o recurso do quadro-negro e falta giz em uma de cada 20 salas de aula. Só metade das salas tem algum cartaz na parede e 75% delas não contam com mapas ou qualquer outro material didático que possa motivar o aluno.

Forro e parede

Outros confortos mínimos, como luz elétrica, abastecimento de água e banheiros também faltam à grande parte das escolas de 1º grau brasileiras. Metade das escolas não tem luz elétrica; mais de 45 mil escolas (27% do total) não dispõem de água corrente, 48% dessas localizadas no Nordeste; e apenas metade das escolas do país tem banheiros dentro do prédio. "A questão física afasta os alunos das escolas", admite o secretário de 1º e 2º graus do Ministério da Educação, Júlio Correia.

Uma boa escola é um prédio "com parede boa e forro bom", explica Márcio de Souza, 14 anos, aluno de uma escola em Porto Alegre que não tem nem uma, nem outro. A Escola Paraíba, no bairro Ipanema, que ele frequenta, foi fechada antes do final do último ano letivo e as crianças transferidas para outro prédio improvisado. "Quando chovia, ninguém podia sentar na fila das goteiras", ironiza Gelcir Dalo, 11 anos, "o teto ameaçava desabar e as crianças tinham medo". O prédio, construído em 1955, foi saqueado: janelas inteiras, fios e fechaduras roubadas.

Situação semelhante enfrenta a escola estadual Santa Agueda, no Vale Timbu, periferia de Curitiba. Lá, o diretor-geral da Secretaria de Educação do Paraná, Gino Azolini Neto, quase foi agredido, na semana passada, por pais e alunos armados de ripas de madeira arrancados do próprio prédio, quando discutia a reforma da escola. Azolini dá razão aos que o ameaçaram. A escola foi construí-

O que falta nas salas de aula		
(em %)	Urbanas	Rurais
Mesa de professor	15,36	26,98
Carteiras suficientes	16,74	32,13
Quadro negro	0,36	4,97
Giz	0,18	6,82
Outros materiais	64,25	73,59

Fonte: IPEA/IBGE Beatriz

Instalações disponíveis		
(em %)	Urbanas	Rurais
Luz elétrica	95,92	41,28
Água	Rede geral	88,00
	Poço nascente	8,02
	Outra	3,98
Instalações Sanitárias	Não tem	0
	Fora do prédio	7,72
	Dentro do prédio	92,28

Fonte: IPEA/IBGE Beatriz

O que as escolas precisam para funcionar		
(em %)	Urbanas	Rurais
Grande reforma	19,84	32,31
Pequenas reformas	49,15	41,56
Não precisam de reformas	31,01	26,13

Fonte: IPEA/IBGE Beatriz

da há sete anos, com madeira de segunda e sobre um banhado. A madeira está podre e qualquer criança que ande pelas salas de aula pode ser soterrada por um desabamento ou afundar no chão podre.

Em Amaralina, bairro de classe média na orla marítima de Salvador, Celeste Ávila, diretora do Colégio Cupertino Lacerda, tem dúvidas se poderá começar as aulas em março: "Isso depende de reparos em toda a estrutura do prédio", porque os sanitários estão isolados por entupimento, as pias estão quebradas e na cozinha, onde é preparada a merenda escolar, ratos e baratas passeiam sobre as velhas mesas. Das 214 escolas municipais de Salvador, 174 estão em reparos.

Choveu, parou

Nesse estado de coisas, a chuva torna-se um grande inimigo da educação no Brasil. "Quando chove, as crianças assistem a aulas emboladas em um canto da sala, como se estivessem a céu aberto, de tanta goteira que há", afirma o prefeito de Almenara, no Vale do Jequitinhonha,

Minas Gerais, Exutério Alves Cangussu, generalizando a situação das escolas de seu município.

A Escola Amélia Poranga, no bairro Guamá, em Belém do Pará, não funciona em dias de chuva. É um caso comum em todas as escolas situadas nas baixadas de Belém: no período chuvoso, essa área fica toda inundada. O mesmo problema enfrenta a Escola Landell de Moura, que fica num bairro com o sintomático nome de Tristeza, em Porto Alegre. Quando chove, estudantes e professores esquecem as aulas e cuidam de se esquivar das goteiras que inundam a escola.

Se a chuva impede as aulas em muitas escolas, o calor cria situações difíceis em outras. Na escola estadual de Vila Feliz, em Almirante Tamandaré, cidade na periferia de Curitiba, os horários escolares são divididos em dois turnos: das 8 às 10 horas, os alunos assistem à aula em um porão e, das 10 horas ao meio-dia, ao ar livre, porque o calor lá dentro é insuportável. "Alguém pode aprender alguma

coisa nessas condições?", pergunta Terezinha Lima Guimaraes, mãe de um dos alunos.

De pé

A falta de carteiras é outro empecilho para os escolares brasileiros, que às vezes enfrentam com humor a situação. "Já estou acostumado. Se a gente não dá uma de vivo e chega cedo, fica sem lugar", explica, com um sorriso conformado, Paulo Afonso, um garotinho franzino, de 10 anos, que, semana passada, assistia de pé, encostado na parede, a uma aula na Escola Euler de Azevedo, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Não é apenas na zona rural de Rondônia que as escolas não têm carteiras, reclama, por sua vez, o presidente da Associação dos Professores do Estado, Mário Jorge, a própria capital não as tem. Por conta da insuficiência do número de bancos escolares, os alunos da Escola Murilo Braga, no centro de Porto Velho, organizaram um protesto: todos ameaçaram sentar no chão.

No Rio de Janeiro, onde a prioridade número um do governo Brizola é a educação, ainda existem escolas em mau estado de conservação. Uma delas é a Visconde de Cairu, no bairro do Méier, com cadeiras quebradas, paredes sem reboco e cobertas de pichações. Não falta, porém, material didático na escola que, apesar de deteriorada, surpreende os visitantes com a existência de uma máquina copiadora das mais modernas, funcionando em uma sala de paredes sujas.

Vandalismo e penhora

A todos esses problemas enfrentados pelas escolas de 1º grau soma-se o vandalismo que depreda escolas e assusta professores e alunos. A depredação, uma violência que vai além do furto de materiais que podem ser usados ou vendidos pelos agressores, é apontada como um dos principais problemas das escolas de São Paulo. Os atos de vandalismo diminuíram um pouco a partir do ano passado, com a intensificação das rondas policiais na capital paulista, mas continuam tão incorporados à rotina das escolas que alguns diretores orientam seus funcionários a recolherem lâmpadas e torneiras nas sextas-feiras, para evitar os furtos nos finais de semana.

Com todo esse quadro de dificuldades e carências, a situação mais inusitada em termos de educação é enfrentada pelo estado de Alagoas. Todas as 32 escolas municipais de Maceió estão penhoradas na Justiça. Duas dessas escolas já foram leiloadas para o pagamento de obrigações sociais e contribuições recolhidas ao Imposto de Renda, IAPAS e INPS.

São 190 processos judiciais que correm contra a Fundação Educacional de Maceió, pertencente à prefeitura e responsável pelas escolas, que surpreenderam o prefeito Djalma Falcão, eleito em novembro último. "É uma situação inédita. Nunca ouvi dizer na minha vida que se leiloasse uma escola, mesas e carteiras. Mas, aqui em Alagoas, tudo aconteceu nos últimos anos e o resultado aí está. Vamos fazer um esforço grande para reaver esses prédios e desimpedi-los judicialmente", lamenta o prefeito.